



## **A construção do conceito estético Ocidental e sua implicação na formação valorativa e no processo educacional<sup>1</sup>**

Claudio SCHUBERT<sup>2</sup>

Universidade Luterana do Brasil – Canoas – RS

### **RESUMO**

A constituição do pensamento estético Ocidental passou por diferentes fases para chegar na atualidade com valorização acentuada da aparência em detrimento da essência. Prevalece a teoria platônica e o pensamento cartesiano, base importante na constituição do pensamento moderno, mas que compreendem o ser humano de modo dualista. As modernas tecnologias de comunicação foram desenvolvidas tendo como base a racionalidade da ciência moderna dos dois mundos. Na estética, a consequência corporifica-se na valorização exagerada da aparência e do visual e a consequente redução da relevância do conteúdo e da essência. Esse paradigma tem forte influência na formação de conceitos, valores, da eticidade e do processo educacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** estética, racionalidade, mídia, dualismo, formação

### **Localização do tema**

A busca do lindo, da beleza, do bonito, do esteticamente belo é tão antiga quanto à existência da humanidade. Diferentes épocas e culturas têm seus modelos ou padrões específicos de beleza por meio dos quais dizem dos seus gostos e preferências estéticas. No período tribal, a mulher considerada bela era aquela que tinha atributos físicos desenvolvidos para a procriação e posterior amamentação, principalmente. O homem considerado belo era principalmente o mais astuto e forte, pois este tinha esperteza e força física para defender a prole. São as características mais importantes para a sobrevivência que se tornam valores com influências formativas no contexto cultural.

Com o desenvolvimento das modernas tecnologias de comunicação, especialmente da televisão, a sociedade foi sendo educada a relacionar o belo com a aparência de modo acentuado e com o potencial mercadológico. Assim, a mídia comercializa conceitos no universo da moda, das atitudes humanas, dos gostos, do cinema, da arte e da compreensão estética humana. Isso estimulou a fragmentação do homem, perdendo a unidade que o caracteriza como formado de uma essência e aparência indissociáveis. Assim, para a compreensão do belo contemporâneo, voltemos aos pensamentos que constituem a sociedade Ocidental para perceber a visão de ser humano e consequentemente a compreensão do belo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicativas do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela UFRGS, professor na Universidade Luterana do Brasil – Canoas - RS e na Univates – RS na Graduação e Pós-Graduação. e-mail: claudioschubert@terra.com.br



## **A formação do Belo na sociedade Ocidental: fragmentos históricos**

Uma das primeiras descobertas do ser humano na tentativa de buscar sua auto-compreensão racional foi a constatação de que ele tem consciência. Foram os pré-socráticos<sup>3</sup> que começaram a formular uma explicação racional para a existência do cosmos e do homem. No que se refere ao ser humano, perceberam que ele tem uma *Psyché*. Segundo Bauer (1971), essa *Psyché* pode ser compreendida como a alma, aquilo que dá vida, uma essência que é diferente do corpo e que não é dissolvida pela morte. Conforme Taylor (1983), a *Psyché* “é o mais essencial à vida do homem quando sua vida corpórea se considera secundária” (1983, p.246), ou seja, é uma essência ou interioridade<sup>4</sup>, um princípio ordenador do existente. Assim, pode-se compreender que a *Psyché* é a causa da vida e por isso conceituada como imortal, pois essa é a essência que constitui a vida, sendo, por isso, considerada o princípio permanente.

Segundo Reale e Antiseri (2003) foi Homero, figura lendária que viveu em torno dos sécs. IX a VIII a.C., que poetizou a *Ilíada* e a *Odisséia*<sup>5</sup>. Essas narrativas exerceram grande influência na formação do espírito grego. Conforme Homero, o ser humano tem um princípio divino (alma, *Psyché*) que existe antes do corpo e não morre com o corpo, mas está destinado a reencarnar-se sucessivamente. Assim, em Homero começa a ser valorizada a *Psyché* como uma manifestação da essência ou interioridade, distinguindo-a das manifestações da sensibilidade, ou do corpo. Desse modo, encontramos em Homero a existência de “um outro” na pessoa, ou seja, uma *Psyché*. Diferente do corpo que se dissolve com a morte, a *Psyché* é compreendida como eterna e que excede a temporalidade.

Platão (428 -347) desenvolve o conceito do *mundo das idéias* e *mundo da sensibilidade*. Para o filósofo, o *mundo das idéias*, ou a *Psyché* é um conjunto de atividades racionais, é a lembrança, o raciocínio, são as idéias que têm autonomia independente do corpo e se caracterizam como sendo o oposto deste. É no Mito da Caverna, onde ele desenvolve a teoria dos dois mundos, ou seja, no mundo das idéias e o mundo da sensibilidade. O mundo das idéias é explicitado pela teoria da reminiscência, onde, nesta vida, somente é possível um conhecimento por intermédio do raciocínio. No Fédon, Platão explica essa teoria do seguinte modo:

ou nascemos com o conhecimento das idéias e este é um conhecimento que para todos nós dura a vida inteira – ou então, depois do nascimento, aqueles de quem

---

<sup>3</sup> São chamados de pré-socráticos os filósofos que viveram em torno dos séculos séc. VII a V a.C., ou seja, antes de Sócrates (470-399 a.C.).

<sup>4</sup> Não existe um termo único para caracterizar o sentido de *Psyché*. Este pode ser compreendido como consciência, interioridade, alma, espírito, essência, razão, Logos, etc. Platão fala mais em *Mundo das idéias*, contrapondo este termo com o *Mundo da sensibilidade*. Esses termos têm distinção entre si, nesse momento, no entanto, serão utilizados naquelas características que apresentam identidade.

<sup>5</sup> *Ilíada* trata da Guerra de Tróia e *Odisséia* narra a volta de Ulisses após a guerra. Essas epopéias tiveram uma função pedagógica importante na vida dos gregos, formando determinada concepção de vida e visão de mundo.



dizemos que se instruem nada mais fazem do que *recordar-se*; e nesse caso a instrução seria uma reminiscência (PLATÃO, 1991, p. 79).

Assim, para Platão, esses dois mundos têm influência recíproca<sup>6</sup>, mas o que deve prevalecer são os argumentos do *mundo das idéias*. Assim, conforme Platão o belo se encontra no *mundo das idéias*, ou seja, está nas atitudes da pessoa, no seu caráter, nos seus comportamentos, nas suas virtudes. Para ele, as características físicas são secundárias.

Platão também enfatiza a relevância da educação na sociedade, pois para ele a teoria pedagógica “possui uma finalidade: a prática do bem. E o bem está associado à sabedoria enquanto busca a verdade. O amor pela sabedoria e pela verdade possibilitará que o bem seja praticado” (TEIXEIRA, 1999, p.54). Essa compreensão tem como consequência a prática da justiça e da sabedoria, ou seja, o processo educacional proporcionará uma educação sólida que formará, como consequência, homens virtuosos em suas ações na pólis. Em outra de suas obras, *As Leis*, Platão reforça a centralidade que a pedagogia recebe na constituição do homem virtuoso. Diz o filósofo que a educação pode transformar o homem num ser divino, desde que for educado de modo correto. Caso a educação for negativa, facilmente poderá transformar-se no ser mais selvagem que existe na terra (PLATÃO, 1999).

Para Aristóteles (384-322 a.C.) a *Psyché* manifesta-se no corpo, pois interioridade e exterioridade são inseparáveis. Para ele, "as idéias não são, portanto, a única realidade; o mundo sensível é igualmente real e o indivíduo é a primeira e a mais alta realidade ou substância" (JIMENEZ, 1999, p.215). Assim, a matéria é possibilidade, tem potencialidade para que determinada essência se concretize, se realize.

Isso significa que para Aristóteles, cada membro do corpo tem determinado potencial que recebeu para realizar-se como tal. Isso quer dizer que a essência e aparência não podem ser compreendidas separadamente, mas estão numa relação de integração. É na busca do equilíbrio, entre essência e aparência, que reside o belo. Assim, o cuidado com o corpo e a mente faz de alguém uma pessoa bela ou não. A busca pelo equilíbrio, entre essência e aparência, é indicativa da existência do belo pessoal.

No período medieval o belo estava relacionado com a devoção a Deus. A mulher bela era aquela que demonstrava potencialidade de ser uma boa mãe, educar os filhos nos princípios cristãos e o homem belo era aquele que tinha potencial de zelar pela família. “Um bom filho será um bom pai”, diz o ditado. Nesse pensamento está implícito o que significa o conceito “bom”. A história de Sara e

---

<sup>6</sup> É o que hoje se constata nas chamadas doenças psicossomática, ou seja, a inter-relação e influência recíproca entre o *mundo das idéias* - a *Psyché* e na outra dimensão encontra-se o *mundo da sensibilidade*, ou seja, o *Soma*. Isso quer dizer, da *Psyché* (*mundo das idéias*) e do *Soma* (*mundo da sensibilidade*) resulta o termo *Psyché + Soma = psicossomático*.



Abraão no Antigo Testamento, no livro de Gênesis, ilustra bem esse fato. Abraão recebe a promessa de Deus de tornar-se o pai de uma grande nação, mas sua mulher Sara é estéril e não pode lhe dar descendentes. O diálogo entre Deus e Abraão revela o desespero deste último quando diz “Senhor Deus que me haverás de dar, se continuo sem filhos, e o herdeiro da minha casa é o damasceno Eliezer?<sup>7</sup>”. A decisão que Sara comunica a Abraão revela seu grau de desespero diante da esterilidade quando ela diz “Eis que o Senhor me tem impedido de dar à luz filhos; toma, pois a minha serva, e assim me edificarei com filhos por meio dela<sup>8</sup>”.

Outro relato idêntico, mas que agrega ao papel maternal esperado da mulher sua dependência do homem encontra-se no livro de Rute, também no Antigo Testamento. Este relato mostra a dificuldade que esta civilização tinha de conceber a vida de uma mulher sem um protetor homem. A história termina com o final feliz quando Rute e Boaz contraem casamento<sup>9</sup>. A história não pára aí, pois ainda falta um acontecimento importante para completar o conceito do belo. O ideal do belo se concretiza quando nasce o pequeno Obede, filho de Rute e Boaz<sup>10</sup>.

### **O conceito estético em Descartes e Espinoza**

Descartes<sup>11</sup> é considerado “pai da filosofia moderna” (REALI e ANTISERI, 2004, vol.3, p.283) e influencia a constituição da racionalidade moderna Ocidental. O filósofo vive num período de profundas transformações, especialmente na compreensão de ciência e de ser humano. Na busca por um método seguro usa a fundamentação racional na construção do pensamento científico. Para tal, desenvolve seu raciocínio centrado no homem e na racionalidade humana. Esse fato o leva “a uma tendência forte e absoluta de valorização da razão, do entendimento, do intelecto” (ARANHA, 1993, p.105).

A concepção antropológica e de mundo cartesiana é construída na compreensão da natureza que se apresenta de dois modos antagônicos. Ele entende o homem constituído num dualismo psicofísico, ou seja, caracterizando-se pela dicotomia entre mente e corpo.

Para Descartes existem apenas dois tipos de substância, claramente distintas e irreduzíveis uma à outra: a substância pensante (*res cogitans*) e a substância extensa (*res extensa*). A *res cogitans* é a existência espiritual do homem sem nenhuma ruptura entre pensar e ser, é a alma humana como realidade pensante que é pensamento em ato, e como pensamento em ato que é realidade pensante.

---

<sup>7</sup> Livro de Gênesis capítulo 15 versículo 2, ver texto anterior e posterior

<sup>8</sup> Livro de Gênesis capítulo 16 versículo 2, ver texto anterior e posterior

<sup>9</sup> Veja o livro de Rute capítulo 4 versículo 10

<sup>10</sup> Esta narrativa pode ser lida no Antigo Testamento no livro de Rute. Existem, teológica, ou antropologicamente falando, outras muitas interpretações possíveis desta história. O enfoque priorizado no presente texto é a leitura estética, ou seja, a compreensão do belo.

<sup>11</sup> René Descartes (1596 – 1650) nasceu na França.



A *res extensa* é o mundo material (corpo humano) do qual, justamente, se pode predicar como essencial apenas a propriedade da extensão (REALI e ANTISERI, 2004, vol 3, p.293).

Essa dicotomia entre mente e corpo compreende o homem como um ser que tem uma realidade física e outra mental. A realidade física possui massa, tem extensão no espaço e no tempo, desenvolve atividades, se alimenta, está sujeita às leis deterministas da natureza. A realidade mental caracteriza-se pelas atividades da mente: pensar, raciocinar, conhecer, recordar. Esta não está submetida às leis físicas, mas tem liberdade no espaço e no tempo (ARANHA, 1993, p.105). Assim, o pensamento cartesiano entende o ser humano como sendo formado por uma substância pensante e outra extensa, ou seja, mente e corpo.

A influência desta compreensão foi marcante na formação do conhecimento moderno Ocidental, especialmente na compreensão antropológica. Em diferentes áreas do saber humano e técnico criaram-se “antagonismos que serão objeto de debates nos dois séculos subseqüentes” (ARANHA, 1993, p.105). Mais do que nos dois séculos seguintes, ainda na atualidade o pensamento cartesiano exerce forte influência no modo de compreender e fazer ciência, bem como na concepção antropológica e estética contemporânea.

A relação dualista entre mente e corpo coloca essa como autoridade sobre o corpo, “o corpo é o objeto de estudo da ciência, e a mente, o objeto [...] da reflexão filosófica” (ARANHA, 1993, p.105). Pode-se entender que para Descartes o “banco de provas do novo saber filosófico e científico, portanto, é o sujeito humano, a consciência racional” (REALI e ANTISERI, 2004, vol 3, p.294). Isso quer dizer que é a mente que estuda o corpo, busca compreender suas funções e pode, inclusive, determiná-lo. Ao estudar as funções do corpo humano chega à constatação que este funciona mecanicamente, que pode ser explicado racionalmente. Assim,

o universo é uma grande máquina, cujos elementos essenciais são matéria e movimento. Também o corpo humano e o organismo são máquinas e, portanto, funcionam com base em princípios mecânicos que regulam seus movimentos e relações; isso que chamamos de vida é redutível a uma entidade material, isto é, a elementos sutilíssimos que, veiculados pelo sangue, se difundem por todo o corpo e presidem às principais funções do organismo (REALI e ANTISERI, 2004, vol 3, p.299).

Isso, no entanto, não quer dizer que Descartes considera as manifestações do corpo como irrelevantes. É, no entanto, a partir desta concepção que passa a ser construída a compreensão de que “também o corpo e qualquer outro organismo serão objeto de análise científica no quadro dos princípios do mecanicismo” (REALI e ANTISERI, 2004, vol 3, p.301). O corpo humano passa a ser um objeto de análise da razão, onde a subjetividade, sensibilidade e a corporeidade ficam submetidas à análise das determinações racionais.



Esse quadro da construção do pensamento moderno, onde Descartes tem uma contribuição central, torna-se paradigma para a ciência e sensibilidade estética modernas. Nesse paradigma é a razão que passa a determinar as regras de ação e comportamento do corpo, é a razão que estuda as doenças, que organiza habitações mais saudáveis, que formula teorias educacionais, que determina conceitos éticos, estéticos e de sensibilidade humana. Assim, é a mente que possibilita o acesso às verdades (FOUCAULT, 1979).

Espinoza (1632 – 1677) elabora a idéia de complementaridade e não oposição entre essência e aparência como foi a teoria de Descartes na formulação da filosofia moderna e do conceito estético. Para Espinoza, o mental e o físico não podem estar em contradição. Também não existe a superioridade da alma sobre o corpo, mas estas estão numa relação de paralelismo. O filósofo entende que essência e aparência são atributos de uma mesma substância, que é Deus, e por isso existem em perfeita interação.

Isso quer dizer que, sendo Deus a substância única e geradora de tudo que existe, é dele que se originam todos os atributos, especificamente os do pensamento e do corpo. É por isso que corpo e mente estão numa relação de igualdade em termos de relevância. Nesse aspecto, a ação da essência afeta a aparência e a sensibilidade reflete-se na mente. Espinoza diz que “nem o corpo pode determinar a alma a pensar, nem a alma determinar o corpo ao movimento ou ao repouso ou a qualquer outra coisa” (ESPINOZA, 1991, p.177).

Aqui é importante sublinhar um dado em Espinoza. Para ele, a substância que pensa (mente) e a substância extensão (corpo) são uma mesma substância, mas com atributos diferentes. Assim, o que acontece em um acontecerá também no outro, pois a mente e o corpo são manifestações, ou atributos paralelos da mesma substância. Nesse aspecto reside a relevância do argumento de Espinoza em termos da nossa reflexão de comunicabilidade. Se observarmos manifestações como timidez, vergonha, felicidade, coragem, desafio, receio, etc. constata-se que estas são situações que afetam a mente e o corpo, pois as reações não ficam localizadas num universo somente. Alguma situação que é provocada num universo, que Espinosa chama de atributo, é extensiva também ao outro. Não foi o pensamento de Espinoza que exerceu influência na formulação da ciência moderna, mas o cartesiano. Assim, a dicotomia entre corpo e mente continuou sendo acentuada

### **A presença da mídia na formação do conceito estético contemporâneo**

A dicotomia entre corpo e mente a partir da filosofia cartesiana continuou tendo conseqüências no imaginário estético social no período moderno. Um desdobramento que se evidenciou foi a valorização excessiva da imagem, do visual, ou seja, da aparência em detrimento,



conseqüentemente, do conteúdo, da essência. Ganha destaque a visibilidade<sup>12</sup> e nem sempre a discursividade<sup>13</sup> recebe valorização idêntica. A evidenciação da exterioridade é promovida pelos sistemas midiáticos que incentivam a mercantilização dos bens de consumo. Com isso são incentivadas atitudes que se corporificam em comportamentos individualistas, ocupando, com isso, espaço das idéias de cunho coletivo. Essas manifestações de consumo individualista são extremamente relevantes na reflexão, por exemplo, do papel que o professor desempenha na contemporaneidade. A valorização da aparência nem sempre vem acompanhada da valorização do conteúdo. Criados pela excessiva sensibilização desde crianças, alunos têm dificuldades de concentração e introspecção em relação ao conteúdo apresentado. A lógica do consumo torna-se extensivo na relação professor aluno e na prática de ensino, com desdobramentos funestos à aprendizagem.

Outro aspecto que merece destaque é uma nova relação que a sociedade está construindo com sua corporeidade. Por corporeidade se quer entender aquilo que se refere ao corpo. “É aquela realidade que o corpo possui como corpo orgânico, independente da sua união com a alma, e que o predispõe a tal união” (ABBAGNANO, 1982, p.1999). Percebe-se a existência de um paradoxo na relação da pessoa consigo mesma e dela com os outros. A negação do corpo e sua valorização exagerada são gostos estéticos que acontecem simultaneamente. Corpos belos, com todos os atributos que a aparência física contemporânea exige, são como produtos colocados à exposição. São corpos moldados<sup>14</sup> em grande medida estimulados pelo imaginário de um padrão de beleza, mas distantes da realidade concreta, ou inexistentes de fato. Evidencia-se certa negação em relação ao corpo, ou a busca por seu ocultamento<sup>15</sup>. Esse fato pode ser percebido pelos inúmeros canais virtuais de relacionamentos oferecidos e buscados avidamente. Estaria o mundo virtual, nesse sentido, distanciando as pessoas no mundo real, ou de si mesmas? Constata-se que certo percentual da sociedade mostra-se ávida pelo consumo de um determinado belo padronizado, que se sustenta

---

<sup>12</sup> Por visibilidade pode-se compreender a evidenciação marcante do visual sobre as outras formas de expressão da sensibilidade. É a exposição e a promoção da imagem desvinculada de um conteúdo emancipador, onde o estar evidência é priorizado.

<sup>13</sup> A discursividade, por sua vez, tem o foco voltado prioritariamente às questões existenciais e contextuais do sujeito: os debates, análises, críticas que demarcam as posições conceituais, o confronto de idéias.

<sup>14</sup> Moldados no sentido de haver interferências com procedimentos que não se constituem pelo processo natural, não preservando a mesma aparência e provavelmente nem a essência com que foram originados. Os “aperfeiçoamentos” possíveis de serem realizadas pelos modernos sistemas de photoshop, as interferências nas mudanças das fisionomias pelas modernas técnicas da medicina até a apropriação de outra identidade que favoreça o jogo expositivo nos modernos meios virtuais atestam esse paradoxo. Na presente análise, não se está questionando as interferências possíveis pela medicina estética ou outra prática que levem à alguma mudança no biotipo da pessoa. Mas nesse momento se faz somente a constatação de que isso é uma prática existente e que tem suas conseqüências interpessoais, sociais, de relacionamento e identidade pessoal.

<sup>15</sup> As propagandas de produtos que prometem “transformações milagrosas” atestam essa idéia, assim como o acentuado grau de insatisfação que um grande percentual de pessoas tem em relação ao seu corpo mostra que a idéia do padrão tem forte influência na construção do imaginário.



por um perecível padrão de beleza construído a partir de um conceito estético restrito conceitualmente à aparência (GHIRALDELLI JR., 2008).

No mundo virtual os corpos se comunicam, mas de um modo limitado. Nesse processo, acontece um deslocamento na formação da individualidade a partir do corpo e não mais na mente, segundo ensina a tradição Ocidental. Com isso, cria-se uma nova relação de subjetividade: *ter* um corpo com determinadas características é mais relevante do que *ser* determinado sujeito com certa eticidade<sup>16</sup>. Chama atenção que, com esse deslocamento, o *ser* – homem de determinados princípios, ideais, sensibilidades estética, eticidade, valores com conotação coletiva – é minimizado e é maximizada a dimensão aderente ao *ter*: o poder econômico, acesso aos bens de consumo, o corpo segundo o modelo padronizado pela compreensão de beleza que prioriza meramente a aparência excluindo sua relação com a essência. Forma-se, assim, uma visão distante do homem integral na perspectiva do equilíbrio.

Aqui se constata um fato interessante. A sociedade maximiza a valorização das manifestações identificadas com a exterioridade, buscando nelas referências que dêem sentido ao seu mundo existencial, em grande parte, esvaziado justamente pela extrema valorização ao consumo das aparências. A grande valorização do visual pode ser percebida em situações como na apresentação dos produtos de consumo, no design dos automóveis, na vestimenta, nas diferentes manifestações da moda, no culto aos corpos esbeltos, no padrão de beleza em geral. Entre os produtos de consumos disponíveis no mercado, um dos que mais se identificam com a extrema valorização do conceito de visibilidade é a boneca Barbie. Com esse produto o conceito de belo, em termos de aparência, chega ao seu auge. A Barbie é o protótipo de “perfeição” do imaginário representativo do belo humano feminino, resumido em forma de boneca, comprável nas lojas mediante determinado valor econômico.

Esse conceito de beleza, que se resume nas belas formas em termos de aparência e arrebatadores admiradores de todos os níveis sociais, de gênero, intelectuais e econômicos. Mostra, no entanto, no paradoxo, sinais, ainda que sutis, de saturação. A própria sociedade que busca avidamente preencher suas expectativas com o consumo de produtos perecíveis e transitórios, inevitavelmente, mostra-se insatisfeita com esse conceito que se centra, fundamentalmente, nos valores voltados à exterioridade<sup>17</sup>. Os próprios mercadores midiáticos, percebendo a insuficiência dos produtos pautados no conceito exterioridade se encarregam de suprir o vazio do consumidor contemporâneo

---

<sup>16</sup> Não se quer afirmar que necessariamente esse dualismo entre *ter* e *ser* seja regra geral, pois a busca pelo seu equilíbrio já é recomendação aristotélica antiga, mas constata-se que na sociedade da aparência essa é uma tendência fortemente presente.

<sup>17</sup> É por isso que o produto, na boa recomendação publicitária, precisa agregar algum valor além na sua existência concreta, ou seja, vende-se um conceito e não somente um produto. É isso que Barbie faz com maestria: vende um conceito de beleza embutido na pequena boneca feita de algum material perecível.



apresentando produtos vestidos de essência. Essa é uma leitura que se pode fazer do papel que Shreck representa na atualidade.

Sabe-se que Shreck, ao contrário da boneca Barbie, é apresentado com outro conceito de belo: a essência. Na Barbie está corporificada a aparência perfeita: as medidas certas, a fineza nos gestos e no modo de falar, a etiqueta, o sonho de princesa, o castelo, o padrão de beleza, o belo ideal. Valores voltados ao universo da visibilidade fundamentalmente. O conceito de belo em Shreck complementa o de Barbie. O que encanta em Shrek não é o que encanta em Barbie. Shreck encanta? Shreck é belo? O conceito de beleza de Shreck encontra seu ponto forte, não na aparência, mas na essência, nos valores (JORGE, 2006). Numa sociedade empobrecida culturalmente, carente de ética e moralmente insegura Shreck mostra autenticidade, originalidade, humanidade (mesmo sendo um ogro), cumpridor de sua palavra, solidário, despojado de interesses próprios, humilde, mas de caráter, resmunguento as vezes, mas também agradável, mesmo que tenha um humor azedo muitas vezes, é humano, tem posições firmes: é homem de palavra. É interessante perceber que Barbie e Shreck são produtos que têm embutido esses conceitos contraditórios, mas complementares. Barbie é a evidência da valorização do visual, do *ter*, enquanto que Shreck traduz-se como o belo essência, o *ser*.

Na atualidade constata-se que no conteúdo veiculado pelos modernos Meios de Comunicação perdeu-se, em muito, a relação entre mente e corpo, ou essência e aparência. O considerado belo nem sempre é bom, ou ético e o que é bom, ou ético nem sempre é avaliado como sendo belo. O desafio consiste em buscar o equilíbrio entre a ética e a estética.

A sociedade atual tem como referência o Belo apresentado pela mídia. A existência de manifestações como a anorexia, muito presente na sociedade contemporânea, mostra a fragilidade desse conceito estético na sociedade brasileira e Ocidental. O assunto chega ao ponto de complexidade que faz alguns estilistas do mundo da moda questionar as modelos extremamente magras, como é o caso de Giorgio Armani. Em matéria do jornal O Globo o estilista, dono de uma das grifes mais famosas do mundo Ocidental

culpou a mídia e os estilistas pela obsessão do mundo da moda com modelos esqueléticas. Ele disse que nenhuma mulher precisa ser anoréxica para ser elegante. ‘Eu nunca quis usar modelos muito magras. Prefiro mulheres que mostrem minhas roupas da maneira mais adequada. Infelizmente, os estilistas e também a mídia interferiram e agora só querem modelos incrivelmente magras’, afirmou ele [...] durante a Semana da Moda de Londres<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Matéria publicada em [oglobo.globo.com](http://oglobo.globo.com) no dia 22/09/ 2006



A polêmica tornou-se pública e no mesmo jornal diz que “depois que a semana de moda de Madri banuiu modelos magérrimas da passarela sob alegação de que são mau exemplo para as jovens, que sofrem de distúrbios alimentares na busca de um corpo igual aos das passarelas [...] Ninguém acha que para uma garota ser elegante ela tem que ser anoréxica, que não deve comer. Eu só escolho moças saudáveis”, acrescentou Armani.

Também em setembro de 2007 a grife Nolita lançou uma campanha publicitária polêmica com fotografias de Oliviero Toscani na semana da Moda em Milão, na Itália. O fotógrafo criou uma campanha para a grife Nolita onde mostra uma garota de 26 anos que pesa 31 quilos. Ela sofre de anorexia desde os 13 anos. Essa campanha traz a tona uma realidade pouco vista, mas bastante frequente principalmente em adolescentes. É o conceito que “considera belas somente as mulheres extremamente magras, mas sabe-se que isso afeta o comportamento de uma legião de adolescentes que fazem da tentativa de se parecer com as modelos uma questão de vida ou morte”<sup>19</sup> diz o jornal.

Assim, constata-se que a fragmentação do conhecimento é uma das características que mais marca o período contemporâneo. O pensamento universal, assim como os filósofos modernos o entenderam e com o qual a teoria educacional foi primeiramente formulada, está cedendo espaço para verdades contextuais. Ao lado disso, a lógica financeiro-econômica reforça ações individualistas em detrimento ao pensamento coletivo e integrador. A educação brasileira está inserida nesse contexto e recebe, como não poderia deixar de ser, influências da mentalidade de cunho individualista, que é uma das características do conteúdo formativo midiático.

### **O pensamento estético moderno e a realidade educacional**

Na vivência da dicotomia entre corpo e mente, aparência e essência, ter e ser as pessoas não são mais compreendidas ou avaliadas pelo que elas são, mas pelo bem material ou simbólico que detêm. Ou seja, o ponto de análise, da relevância ou não, acontece não mais pelo papel social que ocupam, mas pelo poder de ostentação econômica que possuem. Nesse aspecto, o poder financeiro torna-se visível na exposição e ostentação dos produtos de consumo. Nesse aspecto, o processo educacional é afetado. O professor não é mais visto como um agente social de relevância pelo seu saber e o desdobramento que a sua ação tem no meio social, mas as questões mais evidenciadas são as de cunho econômico. O professor perde o status social numa sociedade onde o aprendizado considerado relevante é aquele que traz retorno financeiro, aquele que é funcionalmente aplicável no mercado de trabalho.

Os desdobramentos desta mentalidade, ou seja, deste conceito estético são dramáticos. Nos primeiros meses do ano de 2009 na região sul do Brasil diversas manifestações de violência contra

---

<sup>19</sup> Matéria publicada no endereço [www.globoonliners.com.br](http://www.globoonliners.com.br) em 27/09/2007



professores foram veiculados pela mídia<sup>20</sup>. Esses são acontecimentos já evidenciados anteriormente por pesquisa, mas que chamam atenção da opinião pública quando tornam-se dramáticos. A mentalidade gravemente empobrecida, mas que está presente em muitas instituições de educação revela que o aluno é visto como cliente e a educação como mercadoria, ou seja, mais um produto que passa ser vendido e comprado no mercado<sup>21</sup>.

Pesquisa<sup>22</sup> recente mostra que o ambiente de trabalho de expressivo percentual de professores não cumpre os pré-requisitos necessários pela ótica da ética profissional pautada na razão fundamentalmente.

Os relatos da violência contra professores nas instituições de ensino privado motivou o Sinpro/RS a investigar as causas e os desdobramentos dessas situações para os docentes. Os resultados obtidos oferecem um panorama claro sobre os tipos de violência sofrida pelos docentes (SINPRO, 2006).

A pesquisa constata que existe uma relação direta entre as crescentes formas de violência que os docentes sofrem e os princípios éticos que deixam de ser seguidos nas relações profissionais e interpessoais de alunos, professores e instituição.

Diz o resultado da pesquisa que “o sentimento de desvalorização do trabalho faz com que professores adoçam e, o que é pior, trabalhem doentes por receio de que a falta ao trabalho, mesmo motivada, tenha reflexos em relação a sua permanência no emprego” (SINPRO, 2006). No caso dos profissionais da educação, esse fato tem desdobramentos altamente prejudiciais para o processo de aprendizagem, principalmente no universo formativo de cidadania, eticidade e moralidade. As principais formas de violência que a pesquisa revelou são a “desconstituição da autoridade do professor, agressões físicas, agressões via internet e assédio sexual” (SINPRO, 2006).

No contraponto desta pesquisa, cabe outra reflexão que integra a abordagem do tema e que lhe é complementar. Nesse aspecto, algumas perguntas começam a se impor à ação docente e exigir respostas. A seguir são enumeradas algumas questões que surgem na reflexão sobre este assunto: a) Como acontece a capacitação profissional do docente para o exercício de sua função? b) Como o professor busca o equilíbrio existencial<sup>23</sup> diante dos inúmeros desafios, muitas vezes,

---

<sup>20</sup> Jornal Zero Hora do dia 03/04/2009 e 04/04/2009

<sup>21</sup> Pensamentos nessa direção são evidenciados em diferentes momentos por pessoas que ocupam altos cargos na hierarquia de instituições de ensino privado no RS.

<sup>22</sup> Essa pesquisa foi realizada pelo Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul (Sinpro/RS) no Estado do Rio Grande do Sul entre a segunda quinzena de novembro de 2006 e o dia 06 de janeiro de 2007 e foi elaborada por meio de formulário-padrão. A pesquisa foi respondida por 440 professores do ensino privado de todos os níveis de Porto Alegre (54,5%), Região Metropolitana (13%) e do Interior (32,5%). A desconstituição da autoridade do professor foi o fato ligado à violência mais citado pela amostra (83,2%), seguido da atividade sem remuneração (76,8%) e a ingerência na avaliação dos alunos (64,9%) e na ação pedagógica (53,3%). Mais detalhes sobre essa pesquisa podem ser encontrados em <http://www.sinpro-rs.org.br/perfil/violencia.asp>

<sup>23</sup> Por existencial se quer compreender a saúde psicossomática, ou físico-mental do docente



desestruturantes com os quais se envolve no dia-a-dia? c) Encontram os professores condições materiais adequadas para o exercício da digna função de mestres? d) Como o assunto ética profissional docente é refletida entre os profissionais da educação? e) Quais são as competências prioritárias que o docente deveria desenvolver para corresponder à sua função de educador nesse momento da história? f) Quais são os critérios que se tem para avaliar a competência e capacidade, ou a falta deles, de um professor? (WALLS, 2004).

A desconstituição da autoridade do professor da qual a pesquisa do Sinpro fala deve ser compreendida no universo da mudança de paradigmas que está acontecendo principalmente nas últimas décadas no contexto nacional Ocidental. A própria Filosofia da Educação auxilia a compreender as rápidas transformações conceituais e as exigências daí decorrentes no que se refere à ação do professor no processo educacional. Essas rápidas mudanças paradigmáticas, teóricas e práticas acontecem também em outras áreas do saber, mas elas revelam tensões evidentes na comunicação e ação interpessoal no ambiente escolar. A presença das modernas tecnologias de comunicação, por exemplo, trouxe mudanças marcantes na sala de aula e que interferem positivamente ou não no processo de ensino-aprendizagem<sup>24</sup>.

### **Palavras conclusivas**

Em cada momento histórico a cultura das civilizações elege seus conceitos estéticos favoritos. Estes se encontram nas opções que as sociedades fazem pelos diferentes modelos educacionais, midiáticos, sociais, de gestão, etc.

A evidenciação das modernas tecnologias de comunicação elegeu a ostentação da aparência como a prioritária. O desdobramento inevitável foi a valorização exagerada do ter e a minimização do ser. No processo de ensino-aprendizagem esse conceito revelou-se danoso, pois o conteúdo educacional, característica do ser, cede espaço para as questões da aparência, como ter canudo/diploma, não importando muito como. Para os docentes perdeu-se em grande medida o apreço, a valorização de sua profissão-vocação, pois são colocados como profissionais de relevância diminuída no meio social. Cabe resgatar na elaboração cultural em constante construção o equilíbrio entre a estética e a ética, assim como os pensadores clássicos e modernos compreenderam.

### **Bibliografia**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982, p.1999.

---

<sup>24</sup> Como ilustração das interferências que a técnica provoca no processo de ensino-aprendizagem nas instituições educacionais pode-se citar os processos de informatização e na sala de aula o uso do computador, o datashow, o notebook, os aparelhos celulares, etc.



- ARANHA, Maria Lúcia A. *Filosofia da Educação*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- BAUER, Walter. *Wörterbuch zum Neuen Testament*. Walter de Gruyter, Berlin, 1971.
- DITADURA da beleza. Disponível em <[www.globoonline.com.br](http://www.globoonline.com.br)> Acesso em 27 nov. 2007
- ESPINOZA, Baruch. Ética: In: *Pensadores*. Tradução de Marilena de Sousa Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23 ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.
- GHIRALDELLI JR, Paulo - *O fogo, a beleza e a inveja*.  
<http://ghiraldelli.wordpress.com/tag/estetica/>, 2008.
- JORGE, Sâmara. *Ditadura da beleza*. [www.symbolon.com.br/artigos](http://www.symbolon.com.br/artigos), 2006.
- JIMENEZ, Marx. *O que é estética?* São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.
- PLATÃO. *As Leis, ou da legislação e epinomis*. Tradução Edson Bini, Bauru: Edipro, 1999.
- \_\_\_\_\_. O Fédon. In: *Os pensadores*. Tradução de José C. Souza, Jorge Paleikat e João C. Costa. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- REALI, Giovanni e ANTISERI, Dário. *História da Filosofia. Do humanismo a Descartes*. São Paulo: Paulus, vol 3, 2004.
- TAYLOR, William. *Dicionário do Novo Testamento Grego*, 7ªed., Rio de Janeiro, 1983.
- VIOLÊNCIA. Disponível em <[www.sinpro-rs.org.br/perfil/violencia.asp](http://www.sinpro-rs.org.br/perfil/violencia.asp)> Acesso em: 10 jul. 2008.
- WALLS, Álvaro. *Da ética a bioética*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p.65